

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

Sociabilidades e Cotidiano Escolar:

**Estudo sobre os usos dos espaços e os sentidos de pertencimento entre
estudantes do Colégio de Aplicação e moradores do bairro Rosa Elze**

Área do conhecimento: Ciências Sociais

Subárea do conhecimento: Sociologia

Especialidade do conhecimento: Sociologia Educacional

Relatório Final

Período da bolsa: de Setembro (2020) a Julho (2021)

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica
PICVOL

Orientador: Prof. Dr. Ewerthon Clauber de Jesus Vieira

Autor: João Pedro Natividade dos Santos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

SUMÁRIO

- 1. Introdução**
- 2. Objetivos**
- 3. Metodologia**
- 4. Resultados e discussões**
- 5. Conclusões**
- 6. Perspectivas**
- 7. Referências bibliográficas**
- 8. Outras atividades**

1. Introdução

É muito comum pensar que o cotidiano, em si, é algo normal e repetitivo. Que ele está ali porque é o lugar dele e que não precisamos investigá-lo. Essa era uma visão que eu tinha antes mesmo de entrar na minha pesquisa. Quando entrei no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, eu não tinha noção do real significado do cotidiano, e muito menos, das coisas que ele escondia de forma silenciosa. Sempre ia para o colégio, realizava todas as atividades obrigatórias que ele exigia e voltava para casa sem perceber o que ocorria ao meu redor, na minha volta. Não pensava que isso poderia ser um objeto de estudo, muito mais, uma relação de poderes em que tudo é passível de mudanças. Temos que saber que, segundo Lefebvre (2008), o espaço é formado por relações políticas, porém, reformulado a partir de recursos históricos e naturais. Ou seja, o que acontece ao seu redor não é por acaso. Quase todos os dias estamos presenciando poderes administrativos, que normalmente, são ocultados, dando a falsa sensação que tudo está "normal".

Acredito que esse pensamento não só ocorreu comigo, mas com outros estudantes e trabalhadores. E é por isso que a ciência é tão interessante. Ela demonstra experiências que talvez nunca descobriríamos. Saber que o *familiar* pode ser um tipo de estudo e que, para isso, temos que *estranhar* esse *familiar* para realmente conseguirmos torná-lo um objeto de estudo, conforme bem argumentou Gilberto Velho, é algo que a ciência foi capaz de revelar e aperfeiçoar.

Estas são umas das principais ideias para entender este projeto. Ele propõe uma reflexão sobre o cotidiano escolar dos alunos do Colégio de Aplicação, também conhecido como CODAP, da Universidade Federal de Sergipe, relacionando as sociabilidades expressadas pelo uso dos espaços e das narrativas manifestadas em torno dos sentimentos entre os estudantes e moradores do bairro Rosa Else. Para conseguir realizar estas reflexões, primeiramente, precisei fazer um levantamento bibliográfico sobre alguns temas relacionados aos objetivos do projeto. Principalmente, li os textos “Fazer com: usos e táticas” (1998) e “O bairro” (1998), que compõe respectivamente as obras *A Invenção do Cotidiano*, vol. 1 e *A Invenção do Cotidiano*, vol. 2, de Michel De Certeau, com a coautoria de Luce Giard e Pierre Mayol. Essas composições foram fundamentais para conseguir uma base sociológica, em geral, e analisar o cotidiano de forma mais apurada. Ele demonstra que o cotidiano pode ter diversos significados para a

população, mas uma coisa é certa, não é um padrão e sim algo que tenta ser controlados por forças políticas e que esse controle começa a ser quebradas pelos papéis da sociedade, como alunos, professores e trabalhadores. Além disso, demonstrou técnicas e formas de como pensar e criticar de forma científica e organizada. Algo muito importante para o sistema acadêmico.

Outro texto muito importante é o de Gilberto Velho, “Observando o familiar”. Ele demonstrou como posso estudar aquilo que me parece certo, familiar, ou seja, o cotidiano escolar. Ele centraliza uma frase que resume a maneira que estudei o cotidiano, a saber: “estranhar o familiar e familiarizar o estranho; (VELHO, 1978). Isto diz exatamente que não pode confiar totalmente naquilo que achamos que seja verdadeiro ou normal. Isso não é ciência. Devemos questionar (estranhar) essas ideias e depois de se questionar, começar a entender elas de uma forma diferente do habitual.

2. Objetivos

Os objetivos, sucintamente, do projeto são:

GERAL:

Analisar como o cotidiano escolar e os usos dos espaços podem expressar sociabilidades e sentidos de pertencimento e estranhamento entre os estudantes do Colégio de Aplicação e moradores do bairro Rosa Elze.

ESPECÍFICOS:

- a) Fomentar o exercício da imaginação sociológica (MILLS, 1969) em estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação;
- b) Compreender de que maneira se espacializam (FORTUNA, 2013) os pertencimentos, aproximações e ou estranhamentos nas relações estabelecidas entre estudantes do CODAP e moradores do bairro Rosa Elze;
- c) Destacar através da escre-vivência e dos relatos das experiências tecidas no cotidiano escolar fontes de análises dos fenômenos sociais e a importância do exercício da tolerância cultural.

Nem todos os objetivos foram concluídos, como o de fomentar o exercício da imaginação sociológica e de usar os relatos das experiências no cotidiano escolar como fontes de análises dos fenômenos sócias e a importância do exercício da tolerância

cultural, por conta do contexto pandêmico, já que era necessário a observação presencial do ambiente escolar e, também, dos questionários para obter uma análise melhor. Porém, os outros foram finalizados através de levantamentos bibliográficos e debates nos Projetos Sextas Urbanas.

Com o uso da noção de escre-vivência, formulado pela autora Conceição Evaristo (1946-), acerca de sua própria produção literária, pude usar as minhas memórias em que eu achava que eram só lembranças comuns para compreender de que maneira se espacializam os significados de pertencimentos, aproximações e estranhamentos nos vínculos e relações estabelecidas entre os estudantes e os moradores do bairro Rosa Elze.

3. Metodologia

Este projeto de investigação realizaria, com amostra não aleatória, de forma qualitativa, o uso de questionários e o uso de diário de campo, porém, isto foi cancelado por conta da pandemia. Sendo assim, a metodologia teve, como primeiro momento, o estudo sobre as sociabilidades e o cotidiano por meio de um levantamento bibliográfico em relação ao tema, juntamente com a participação da 1º edição Sextas Urbanas. Depois, houve a participação da 2º Edição Sextas Urbanas, onde, apresentei e problematizei o cotidiano escolar e como estudá-lo. Como era um espaço para debates, onde, grande parte dos participantes eram estudantes de sociologia, ganhei muita experiência e informações que acabou me ajudando a ter uma melhor noção dos usos dos espaços e como realmente é possível compreender aspectos do cotidiano escolar do colégio através das sociabilidades e usos dos espaços realizados.

4. Resultados e discussões

Como dito antes, o cotidiano não é uma coisa aleatória. Como diz Michel De Certeau (1998), os usos dos espaços são disputas de poderes, politicamente ocultados, entre um poder estabelecido e outro que sobrevive e reage a autoridade de maneira astuta. Quando nos referimos a um poder estabelecido, quer dizer que há uma autoridade institucional, do ponto de vista político e ou econômica capaz de intervir com maior grau manipulação nas práticas realizadas em um espaço. Isso ocorre através das chamadas "estratégias", como, por exemplo, leis e demais normas de conduta. Porém, estes tipos de poderes nem sempre funcionam, já que quem está usando o espaço pode utilizar de

"táticas" para burlar essas *estratégias*. Por exemplo, quando as aulas ainda eram presenciais, os alunos do CODAP gostavam de usar a biblioteca nas horas vagas. Porém, grande parte não a usava para seu propósito original. Eles usavam para terem um lugar de tranquilidade, onde, podiam conversar com seus colegas de turma e usar a internet de modo livre, como, por exemplo, entrar em um jogo "online". Entretanto, essas ações não eram permitidas pelo colégio. O Colégio já havia criado "estratégias" para que o espaço tenha um bom convívio entre os usuários. Mesmo assim, foram desenvolvendo "táticas" para que não fossem privados de seus gostos. Para eles, estar ali significava muito. Então, tentavam esconder ao máximo que estavam infringindo as regras. Escondiam o celular quando iriam usar, colocavam fones para diminuir o som, etc., mas, eventualmente, os outros alunos que estavam no lugar para estudar/ler um livro não gostavam dessas atitudes, pois os atrapalhavam e achavam injusto serem atrapalhados de suas leituras na biblioteca. Assim, se iniciavam alguns conflitos silenciosos que duravam até meses. Desse modo, pode-se dizer que quem está habituado a usar aquele espaço, irá usar para seu próprio benefício, mesmo que atrapalhe outras pessoas que estão ao redor, ou os indivíduos que não estão no grupo.

Há nos usos dos espaços escolares, um conjunto conflituoso entre os alunos e outros atores que usam e praticam o espaço, que podemos compreender a partir das formas pelas quais os indivíduos e grupos estabelecem alguma identificação comum no colégio. A partir desta, se separam quem faz parte e quem pertence ou não ao Colégio.

Dessa maneira, os usos dos espaços podem criar um jogo de quem mais utiliza o espaço para si próprio ou de um grupo específico. Como o exemplo da biblioteca, há pessoas que querem conversar e as que preferem estudar. Mas, isso pode ser mais geral, como um grupo de uma turma que tem algum objetivo de se divertir e outro grupo que foi para a biblioteca para fazer um trabalho. Caso o grupo que está por apenas diversão comece a ultrapassar as regras e incomodar o outro agrupamento, causará um estranhamento entre os dois. Desse mesmo jeito, acontece na quadra do colégio. Normalmente, quem usava a quadra era para jogar futsal e basquete. Porém, as quadras são perpendiculares. Ou seja, pode ser que um dos jogadores colida com outro. Assim, começa outra disputa de usos dos espaços entre grupos.

Outra informação muito peculiar da quadra é que é nela onde tem as maiores concentrações de moradores do Bairro Rosa Elze, pois, alguns alunos são amigos deles, e como é permitido, são chamados para a quadra. Mas, são apenas um grupo específico. Então, começa outro tipo de estranhamento, que é quando os visitantes que vão para a

quadra e ocupam a vaga de outros estudantes que querem jogar, e esses estudantes começam a pensar do porquê que eles estão naquele espaço e o porquê eles têm direito de ocupar suas posições, pois, para eles não é justo alguém que chegou a poucas horas conseguir a vaga de alguém que está na residência a mais tempo. Também há o fato de que uma porcentagem dos alunos morarem no bairro Rosa Elze. Querendo ou não, os alunos se sentirão mais a vontade de utilizar os espaços com outros moradores do bairro, já que estão sempre se encontrando. Isto também significa que alguns tipos de contexto, assuntos, vão diretamente para o colégio.

5. Conclusões

Com isso, percebemos que o cotidiano é muito mais do que parece. As sociabilidades dos estudantes podem ser apenas uma consequência de um contexto político naturalizado. Porém, mesmo que seja uma consequência, é sentimental para os alunos e moradores do Bairro Rosa Elza. Os sentidos atribuídos ao cotidiano escolar não são universais, embora a aparente repetição do dia a dia, possa esconder as formas e tensões existentes nas sociabilidades. Por tudo isso, consideramos que é fundamental tornar esse acontecimento aparentemente natural um verdadeiro objeto de estudo científico.

6. Perspectivas

Com esse projeto, é possível realizarmos mais eventos com outras temáticas que tenham como tema chave o cotidiano do estudante, como debates virtuais.

7. Referências bibliográficas

- ARANTES, Antonio. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos. Coimbra, Ed. Almedina. P.p. 11-24, 2009.
- BRAGA, R.; BURAWOY, M. Por uma Sociologia Pública. São Paulo: Alameda, 2009.
- CERTEAU, Michel De. A Invenção do Cotidiano. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. Reflexões sobre a Política do Espaço. In: Espaço e Política. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG. P.p. 58-78, 2008.

LEITE, R. P. Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2a ed. Aracaju: EdUFS; Campinas/SP: Unicamp, 2007.

MACHADO, Bárbara A. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo”. In: Revista História Oral, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

VELHO, G. O desafio da proximidade. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. Pesquisas urbanas. 6a edição. Tradução de Waltensh Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, G. Um antropólogo na cidade: Ensaios da Antropologia Urbana. São Paulo: Zahar, 2013.

8. Outras atividades

Participação do evento do Colégio de Aplicação, onde todos os bolsistas, independentemente do tipo de bolsa, demonstravam as experiências do projeto de iniciação científica e falava um pouco sobre o próprio trabalho. Isso ajudou a orientar melhor sobre os objetivos desse projeto.